

# O Espozendense

ANO XXXV

ESPOZENDE, 13 DE JUNHO DE 1928

NUMERO 1:047

Semanao republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, adm. e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Ciras.—Editor—Julio de J. Giesteira Lima.—Composição e impr.—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA Anno, sem estampilha 8\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com  
estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.  
Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.ANNUNCIOS Judiciaes: linha ou esp. de linha \$50 cent.—Comun. ou re-  
clames, linha 40 c. Imposto do sello, cada publicação. 15 c. — Anuncios  
particulares: linha 30 c. Reclames e obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.Este n.º foi visado pelo snr Administrador  
do Concelho.

## MELHORAMENTOS DE ESPOZENDE

IV

### O porto de pesca e as suas praias

Em artigo passado falei do porto de pesca como o elemento básico de toda a politica económica, *maritima*, de Espozende.

Assuntos destes não se podem *esgotar* em artigos corridos de semanarios.

Seria interessante, todavia, frisar aqui que os mais interessantes melhoramentos da vila, nomeadamente os *estéticos*, seriam resolvidos com o porto de pesca.

De facto, e sem entrar em pormenares técnicos, o aproveitamento do porto, *como porto de pesca*, terá de comportar uma *séria* dragagem no leito atual do rio, dragagem que deveria ser entestada por muros marginaes de suporte; o lodo e as areias dragadas teriam de ser lançadas, muito natural e muito simplesmente, para os vãos e lacunas que ficassem interpostas entre os muros de suporte e a terra firme.

Que magestoso não poderia ser o golpe de vista marginal de Espozende, acompanhado, possivelmente, com uma disposição conveniente de arruamentos e arborisações como o de Carreiros e o Passeio Alegre da Foz do Douro?!

Mas estas coisas não se fazem sem rumo nem norte: tem técnica que só os entendidos a sabem... quando sabem.

Obras mal feitas poderiam provocar um novo açoramento, por ventura maior. Ha ventos dominantes, estudos hydraulicos e petrologicos a fazer, previamente.

E eu atrevia-me a lembrar á boa vontade da Junta Autónoma um nome que se tem *feito* nos portos do Algarve:—o do engenheiro Duarte Abecassis.

Não o conheço, pessoalmente. Sei que é um novo cheio de

talento e que fez obra de pulso nos seus estudos algarvios. Não sei, até, se esses estudos foram officiais:—deviam sê-lo, porque foram de conjunto.

Se é engenheiro funcionario do Estado, não seria difficil obter o seu concurso official; se é engenheiro trabalhando por sua conta, não seria desmarcante o preço de um estudo destes.

Sem estudos sérios nada se deve fazer. E' o principio de Moltke. Pensar e estudar, maduramente, o plano: energia, sem hesitações, na execução.

E, como certos criticos que as Câmaras tem tido, eu não falo de *catedra*.

Presidindo á Mesa da Confraria do Bom Jesus do Monte, cuja esfera administrativa é extensissima, tenho desenvolvido uma acção intensissima na solução hoteleira, estudos, edificios, regimen florestal, renovação cultural, etc.

Em tudo, porém, tenho feito *estudos prévios com entendidos*. Nunca tenho atuado por opiniões minhas, simplesmente; nunca, repito, se fez nada sem um estudo prévio pelos técnicos. E Braga, que tem sempre uma critica fácil e apesar de eu ter medido fouce funda em assuntos notaveis —e tantos tem sido, tem-me apoiado sempre. Porque? Simplesmente porque me tenho tornado o executor energico e sereno das deliberações *estudadas* pela Mesa e pelos técnicos, que escolho com o mais ponderado dos cuidados! E eis o que torna e tornará sempre *toda* a administração numa boa administração. A gente pode lá saber tudo e de tudo?!

E pode haver coisa mais cômoda do que *endossar* qualquer critica, sobre as costas dos entendidos?!

O que é lamentavel, e voltando ao exemplo do Bom Jesus, é que houvesse presidentes que fizessem ou consentissem na construção do demolido quiosque-bazar, na construção do Chale dos Beneficentes, e tanta barbaridade mais naquele eden de eleição.

E' tão facil administrar como mandatarios dos entendidos!...

Nenhuma execução de *planos*, sem os *haver*; e havê-los feitos por entendidos, por técnicos

indiscutíveis. Eis tudo!

E técnicos apropriados.

Que seja o snr. Duarte Abecassis, ou outro engenheiro hydraulico, o que faça o estudo do porto de pesca; mas já não deverá ser ele quem faça o traçado dos dispositivos estéticos e arruamentos dos terrenos marginaes aproveitados e a aproveitar pelo estudo do porto.

Para isto ha estetas entendidos, mixtos de architectos e engenheiros civis.

\*

Em qualquer hipótese, porém, a Avenida Marginal que tem sido discutida, dever-se-hia fazer desde já, embora viesse a ficar, num futuro mais longinquo, uma Avenida mais interna. Tem um traçado que se impõe porque o seu *eixo* dá, precisamente, na praia de banhos; é a linha recta na sua ligação facil e na do Farol. Tem por isso facilidades económicas na Repartição dos Farois e, porventura, no Ministerio da Guerra.

E' assunto a tratar intensivamente porque, sem essa Avenida, difficil senão impossivel é trazer gente de fora, *banhistas* que são os que dão as premissas económicas ao concelho.

Conheço as tentativas interessantes, e tão interessantes como inteligentes, do snr. Presidente da Câmara.

Perfilhando-as, não alongo considerações por escusadas.

Confio no seu baarrisimo esclarecido.

E oxalá que todos, como eu, lhe deem o apláuso das suas acções e o das suas palavras.

Duarte Garrilho

### A QUESTÃO DA LENHA.

Porque muitissimos proprietarios do concelho tem apresentado á autoridade administrativa queixas repetidas, contra um bando de *amigos do alheio*, que lhe assaltam as propriedades, levando-lhes, a fagulha e mito com ancinhos de ferro, os latos, as pinhas e até cortando pinheiros pela raiz, foi mandado á Guarda um officio em que a autoridade mandava aprehender toda a lenha em transito, uma vez que o portador não provasse têr propriedades onde a podesse colher. Claro está que esta

nota não pode referir-se áqueles que vão á lenha para consumo.

Contra esta orientação que é justissima, porque o proprietario não o deve ser sómente para os efeitos do pagamento das contribuições, mas também e principalmente para usufruir o que é seu, começa a desenhar-se uma certa má vontade, dos que roubam, porque não podem exercer a sua lucrativa industria, que não paga imposto e dos compradores, que todos as manhãs, tinham á porta de casa lenha boa e barata, o que não é para estranhar, porque, para os que vendiam, fosse qual fosse o preço, tudo era lucro.

Chegaram até a gemer os prelos, sobre uma local escondida num cantinho d'um jornal, com o titulo *mais miseria*. Quererá o Senhor redator do jornal que os proprietarios tenham os seus predios apenas como objectos de luxo, indo lá quem muito bem lhe aprouver colher os frutos e tudo que deles se possa tirar? Diabo, isto é tudo quanto ha de mais modernismo! O comunismo não avança tanto, porque para dar a cada um a sua parcela de terreno, por expl., tira-o a quem o tem.

Aqui não; o proprietario continua a ser dono do que é seu, para os efeitos de pagamento de contribuições: quem colhe, são creaturas que não se sujeitam a trabalhar e que dizem afoitamente:—nós indo ás pinhas ganhámos em meio dia 10\$000. Se formos para casa dos lavradores, trabalhamos um dia inteiro, dão-nos 5\$000, e ainda arranjamos calos nas mãos.

A nosso ver, os proprietarios têm incontestavel razão nas suas queixas e bem faz a autoridade administrativa acabar com um abuso, cujas consequencias podem variar até ao infinito. Hoje é a lenha: as batatas já é uso e costume mudarem de dono, de noite... amanhã poderá ir também o resto.

Concordam os leitores com isto? *naturalmente, se não têm que perder*.

Ouçamos um proprietario, que é interessante o que ele diz:—Em tempos idos, nos meus predios, colhia fagulha para meu consumo e ainda vendia 4 ou 5 carros. Isto ahi ha 10 anos.

Os pinheiros cresceram, nasceram outros. Hoje, não só não vendo como ainda compro para meu consumo. E' isto; q'ie querem?

Vejam agora como é interpretado o officio da administração do concelho.

Um dia destes, junto da G. N. R. desta vila estava uma porção de mulheres e tudo eram feixes de fagulha e lenha depositados nas valetas da estrada.

Inquirimos do caso e responderam: são ordens do Senhor administrador do concelho. Chama-se a isto forçar a hypotese, e crear á autoridade administrativa dificuldades, e local-a mal, propositadamente, quando é certo que a ordem é, como toda a gente sabe, só para os que fazem modo de vida do roubo, vendendo o seu produto. Convinha ao senhor comandante do posto essa orientação? Talvez. Não nos parece que convenha ao senhor administrador, mas elles que se entendam!

No ultimo sabado, na feira semanal, a guarda não se manifestou, ou se o fez, diz-se, foi depois do administrador do concelho ter ido ao posto. Porquê?

O senhor comandante do posto lá sabe o que quer: detem a pobre gente de Espozende que vai buscar para seu consumo o que precisa, ensaiando uma autentica fita, e deixa passar á vontade os que vivem do roubo. Bom serviço. W.

## CARTA

Snr. Director.

Mais uma vez venho pedir-lhe o obsequio de um cantinho do seu apreciado jornal.

O assunto a tratar será ainda o da outra carta, que muito agradeço ter-me publicado.

Fão dorme, ou está moribunda? será a minha insistente pergunta.

Pergunta inocente, porque ela não envolve nenhuma censura á minha terra. Pergunta sincera, porque ela só tem por fim fazer renascer no peito de cada um a chama do amor que devemos ter pelo torrão que nos viu nascer.

Fão deixou fugir o seu registio civil, que agora tanta falta lhe faz. Atentado contra o nosso brio, atentado contra os nossos interesses, pondo-nos em contingencias tristes, que evitaríamos, se aqui tivéssemos a repartição que tanto custou a criar.

O nosso julgado de paz, não sendo ainda extinto, mas caminhando nesse rumo, não funciona por falta de escrivão.

A causa que concorre para esta anomalia não a conheço, não podendo, por isso, insurgir-me contra quem é o causador

da propalada perda de mais esta regalia qua a lei nos dá. Eu já deixei perceber que o motivo deste desastre, quando se dê, seja a recusa dos funcionarios do julgado a fazerem as louvações para que forem nomeados.

Mas isto é uma suposição: não uma afirmação. Longe de mim afirmar aquilo que não posso comprovar. O caso, contudo, é estranho, e a sua existencia faz-me divagar por conjecturas que bem pode ser que não sejam a expressão da verdade.

Com effeito, como se pode conceber que o nosso julgado de paz venha a acabar, se aqui ha todos os elementos de vida para que ele exista?

Acreditar na falta de cumprimento da lei, que diz que os funcionarios dos julgados de paz são os que, de preferencia, devem ser nomeados para as louvações judiciais, isso não. Isso não posso acreditar, porque seria descrever na recta applicação da justiça por parte de quem a mais deve prestigiar. Isso não.

A lei que assim preceitua é uma das leis do 28 de Maio e este movimento, todos dizem que se fez para moralizar.

E moralizar se'n cumprir as leis, não compreendo.

E' por isso que eu cá vou caminhando neste *dédalo* de duvidas sem poder com certeza atinar com o causador, ou causadores, da perda do nosso julgado de paz.

A Fão compete pôr-se de atalaia, para que o caso se não dê, indo vendo onde está o mal.

Porque a lei que regula o assunto é o Decreto n.º 13.809 de 22 de Junho de 1927 que no seu art.º 163 diz isto:

Sempre que nisso não houver inconveniente, os juizes de direito nomearão *de preferencia* para *louvados* e *arbitradores* os *juizes*, os *escrivães* e os *officiaes de diligencias* dos julgados de paz.

Por mais estas linhas fic-lhe imensamente grato

O seu am.º

P. E.

## ETIMOLOGIA DE FÃO

Amigo Vieira:

Acuso (mas sem a devida prontidão) a recepção do seu postal e sobre o pedido que me faz, responder-lhe-hei, com restrição de duvidas, que ultrapassa um quadrilatero, as opiniões vagas que encontro alicerçando a origem da palavra Fão.

Considero-as plausiveis, embora divergindo na essencia e paladar, as que primeiramente apresento, e porque as acho com algum acerto e fundamento; porém, a que vai por ultimo ne-

nhuma confiança merece, e esta só serve para confundir o nosso bondoso amigo Chaves Coupon, que nada percebe do assunto e está equivocado.

A palavra Fão, no entender do sabio padre A. Gomes Pereira, deriva do latim *fanum*, e a mesma carreira é já seguida pelo seu colega padre Martins Capela, de Braga.

Essa quadra da minha auctoria, inserta no n.º 924 do seu jornal, baseia-se nesta opinião, que não devemos pôr de parte e também nunca desprezar.

Vou repeti-la para ver a inspiração da minha pobre musa, quando da sua composição:

*Quem recorda ainda o Fano  
Eruido por Decio Juno,  
Que na esquerda do Celano  
Fez consagrar a Neptuno.*

Explicando agora:

*Fano*, (em vez de *fanum* devido á rima), era uma ermida, capela ou nicho levantado em honra dos deuses pagãos, dominando entre nós a Roma cesária e que adorava os idolos.

*Decio Juno*, refiro-me ao célebre general Decio Junio Bruto, que conquistou para a velha Roma ou Roma pagã, todo o territorio da nossa provincia.

*Celano*, dizem assim chamar se antigamente o rio Cávado.

E, finalmente, *Neptuno*, era a divindade mitologica a quem impuz a consagração do *fanum*, porque ela tinha o dominio dos mares e recolhia as Naiades.

Sendo já convertido em templo cristão o *fanum de Isis*, origem da sé primacial, muito depois se lhe chamava ainda *fanum de Santa Maria*, como se infere das actas do primeiro concilio bracarense.

Sobrepuja nos tempos da mesma Roma pagã, o nome de *Fanum Carisi* e *Fanum Fortuna*, em duas cidades das mais prósperas de então, na Italia.

Que o general Decio Junio Bruto devotava a Neptuno, irmão de Jupiter que tinha o imperio das águas, não resta duvida pela inscrição que foi descoberta no reverso da capela-mór do convento das freiras agustinianas de Atouguia da Baleia, no concelho de Peniche, cujo teor é o seguinte:

*M. Sacel. D. D. D. Jun Brut.  
Cos. ob. Bel. F. gestum.  
Aduces. Ebuuro. bric. et.  
Mont. Auxiliares servet.  
z. Mil. in ultimister. oris.*

Tradução: «Templo consagrado a Neptuno por Decio Junio Bruto, pela felicidade de ultimar a guerra contra os moradores de Eubricio, e por lhe

ficarem salvos todos os seus soldados.»

(Continúa)

Bento Antas da Cruz.

Barcelinhos,  
13 de junho de 1928.

## LIVROS

«*Esfinge*» e «*Cancioneiro Azul*», de Antonio Carvalho.—Edições da Livraria Fernando Machado & C.ª, Ld.ª—Porto.

António Carvalho, que eu não sabia recolhido e isolado na Foz-do-Douro, qual asceta, todo-dado á contemplação e ao sonho, faz parte de uma pleiade de talentosos rapazes do meu tempo que para as letras surgira há trez dezenas de anos, e se afirmara de logo, no seu belo livro de estreia,—o *Cantares*, um poeta mavioso e sentimental, dando-se a cantar em singelas estrofes, em lindas e simples quadras, as ceifeiras da sua terra e as belezas paradisiacas deste meu e seu Minho de encantos.

Poeta do Amor e da Saudade,—António Carvalho veio gentilmente, há umas poucas de semanas, proporcionar-me o doce encantamento de o lér, pondo—e quantos anos são volvidos após o seu primeiro livro, que carinhosamente guardo!—sob os meus olhos duas formosas brochuras, duas deliciosas raccoltas de artisticas quadras e de magnificos sonetos, nas paginas do *Cancioneiro Azul* e do *Esfinge*.

Que grata surpresa e que deliciosa reparação,—a do velho e querido amigo e camarada!

Carvalho, vinha em espirito, num saudoso amplexo, afirmar a velha amizade e ratificar a boa camaradagem, de há que tempo! ao obscuro e humilde plumitivo que vive alheio e arredado dos centros de cavaqueira literaria, afastado para este soberbo recanto de maravilha! E trazia-me, nas artisticas paginas dos seus dois lindos livros, como o doce amargo pungir de saudades profundas, enternecidas, vivissimas dos floridos tempos de há trinta anos, e a evocação agridoce dos radiosos, alacres dias de uma distante, extincta mocidade...

Quanto lhe eu devo, por isso,—e pelas lembranças que despertou e avivou no meu coração!

Obrigado! muito obrigado, pelo cativante e imerecido offertorio, tocado de requintada gentileza.

Aceite os meus emoras, muito do coração, pelos seus triunfos!

Viana do Castelo.

Alvaro Pinheiro.

# NÓS E O "CAVADO,"

Quando no ultimo sabado, do lado de manhã, enviamos a censura as provas do nosso jornal, foi-nos mandado dizer pelo nosso empregado que d'ali a instantes o cavalheiro encarregado da censura, no impedimento do ex.mo administrador do concelho, viria á nossa redacção.

E de facto essa pessoa não se fez esperar.

Após a sua chegada e depois dos cumprimentos a que a delicadeza obriga entrou no assunto de nos propôr uma solução para a terminação de uns escritos que vinhamos inserindo no nosso jornal, referentes ao *Cavado*.

Ouvimos os motivos ponderados que nos apresentava e que tinham a nosso vêr toda a boa vontade em concorrer para a boa harmonia que sempre deve reinar entre aqueles que labutam na imprensa, seja ela de que natureza fôr.

E se a principio refutamos a nossa boa intenção nos escritos que havíamos publicado e a publicar no numero a sahir n'aquelle dia, acabamos por acatar a ideia generosa e amiga que era apresentada.

E assim, concordando, cedemos a retirar tres escritos inoffensivos que vinham distribuidos nas nossas tres primeiras paginas, com a expressa condição de não mais tocar no assunto, o que prometemos desde que o *Cavado* fizesse o mesmo. E assim ficou combinado e por nós fielmente cumprido. Sahiu o nosso jornal nesse mesmo dia, (sabado) sem a mais leve referencia ao colega em questão.

Este o unico e exclusivo motivo do nosso silencio.

Um amigo instou junto de nós para que acabassem todas as questões entre o nosso jornal e o *Cavado*; e nós acedemos ao seu pedido.

Vimos a publico explicar a razão porque cessamos com os nossos artigos, pelo facto de aquelle nosso colega o haver feito em seu numero passado, e para que o publico fique sabendo a verdadeira razão porque demos a questão por finda.

## PASSAPORTES

### Agencia Brazil

DE

ANTONIO LOPES RODRIGUES D'AREIA

Preferir esta Agencia é ter a certeza de ir ao seu destino dentro da maior legalidade.

Antonio Lopes Rodrigues d'Areia.

## NOVO JUIZ

Tomou na ultima quinta-feira posse do cargo de juiz de direito desta comarca o Ex.mo Snr. Dr. Alexandre Cerqueira de Amorim.

Ao acto, a que assistiram as mais altas individualidades desta vila, com distintos amigos que acompanhavam o novo magistrado, presidiu o Ex.mo Dr. Alvaro do Souto, digno official do registro civil, que numa burilada oração saudou Sua Ex.<sup>a</sup> a quem apresentou o quadro de todo o funcionalismo judicial, com menção dos illustres advogados desta vila.

O Ex.mo Dr. Delegado desta comarca pôs em relevo as qualidades de inteligencia e honestidade que exornam o novo meretissimo juiz, que vai superindere na applicação da justiça nesta comarca, seguindo-se no uso da palavra dous amigos do Ex.<sup>mo</sup> Juiz, cujos nomes não publicamos por na hora que escrevemos os ignorarmos, do que esperamos ser desculpados por suas Ex.as, traçando eloquentemente o perfil do novo magistrado dentro dos moldes de juiz recto, sabedor, bondoso e justiceiro.

Este jornal exulta com a forma brilhante que este acto revestiu, apeteendo ao novo magistrado a continuação da honrosa fama de que vem precedido.

São estes os nossos sinceros desejos, e ao mesmo tempo rogamos a sua ex.cia, interpretando o sentir das freguezias onde há julgados de paz, todo o carinho e dedicação que estes humildes organismos lhes possam merecer, pois que eles são uma regalia das terras que os possuem, não tendo para seu sustentaculo senão os proventos das louvações judiciais que a lei lhes concede, pelo artigo 163 do decreto, n.º 13809 de 22 de Junho de 1927.

Nisso sua ex.cia será mais que um imitador do recente juiz desta comarca, Ex.mo Snr. Dr. Matias de Azevedo Moura, que aqui marcou um lugar de destaque pela sua inteligencia, e independencia de character, merecendo lhe os julgados de paz toda a protecção que a lei lhes confere.

E' este um pedido que ousamos fazer, crentes de que seremos atendidos pela justiça a que ele visa, apresentando a Sua Ex.<sup>a</sup> os nossos humildes cumprimentos.

## Falecimento

Na freguezia de S. Claudio de Curvos, faleceu há dias a ex.ma snr.a D. Maria Faria Vas concelhos, mãe das professoras officiais de Vila Chã e S. Claudio e do snr. João de Vasconcelos, desta vila.

A inditosa senhora veio sepultar-se no nosso cemiterio pú-

blico, dando ali entrada na ultima quinta-feira, pelas 10 horas da manhã.

A' familia anojada o nosso cartão de pezames.

## CARTA PARA ALEM-MAR

Caro amigo e primo  
Armando Elias.

Saudações.

Partiste para o Brazil; boa viagem te desejo.

Resolvi escrever-te esta, para quando chegares á terra brasileira,—pela qual ainda hoje suspiro;—ter es noticias minhas.

Cheguei bem a Espozende, de Leixões, depois da viagem tormentosa que passamos, na camionete do Cirilo, na trajetoria de Vila do Conde á Maia, onde, como sabes, fomos arrancar pinheiros e buscar pedra para a buscar do fundo do abysmo das estradas.

Senti imensa satisfação em me despedir de ti, por que me despedi do maior e mais leal amigo que tinha.

Lembrei-me que fiquei só sem amigos que me prendessem tanto como tu.—Talvez um amor de irmãos.

Que tristeza eu não senti eu não poder saltar dentro do navio, seguir contigo para a terra onde nós tantas vezes compartilhamos de alegrias e tristezas!...

Ao escrever-te estas linhas, sinto uma emoção que me faz deslizar duas lagrimas pelo rosto.

Quanto bem tens feito aos teus amigos, e quantos amigos de tigela te dão em troca ingratidões!...

Mas tem paciencia, que ainda tens aqui amigos verdadeiros, que hão-de saber defender-te quando possivel fôr.

Não tenhas pena d'esta gente, mas sim da terra, que é tão linda!...

Ainda um dia, a maior parte d'aquelles que procuravam morder-te pela calada, hão de vir aos teus pés reverentemente, pedir-te perdão de tudo quanto te fizeram.

Tenho pena de não me saber exprimir melhor, mas basta que tu me comprendas.

Por aqui á mesma rônha, a mesma sem vergonha, o mesmo veneno; enfim, tudo como dantes.

Quartel General... Largo Thomaz Miranda

Sem mais, um abraço da rapaziada fixe, e um ainda mais apertado do teu primo e amigo. Espozende, 5 de Maio de 1928.

Quintino Martins Ribeiro.

## Casa «HAVANEZA»

A chegar breve um lindo e variado sortido de

«ALPERCATAS»

## ANUNCIOS

Chamamos a atenção do publico, das corporações desta vila e dos magistrados judiciaes para os preços dos anuncios do nosso jornal, comparados com os de outros congêneres locais.

As entidades, visadas em beneficio dos seus constituintes, devem preferir os jornais de maior circulação, tanto no concelho como fóra dele, os mais antigos e de maior publicidade e especialmente onde os preços dessas publicações sejam mais modicas, a não ser que hajam interesses a satisfazer.

## O primeiro jornal francês

Foi a 30 da Maio de 1631 que appareceu, em Paris, a primeira gazeta francesa, publicada por Theofrasto Renaudot. Nesse tempo já havia a publicação de jornais em Veneza, em Inglaterra e na Holanda.

O primeiro jornal apparecido em Portugal, com certa regularidade, foi a *Gazeta*, que saiu em 1641 e em que, como ella disse, se relatam as novas que ouve nesta côrte, e que vieram de varias partes no mês de Novembro de 1641.»

Ha quem diga que o redactor desde jornal foi o cronista Fr. Antonio Brandão.

Theofrasto Renaudot tinha nascido em 1584 em Vienne, e além de jornalista, era medico, como em Portugal tem succedido a varios jornalistas.

## HA DE TUDO NA

### HAVANEZA

E' uma grande chatice,  
Eu vos digo com tranqueza,  
Esta minha gran ratice,  
De reclamar a Havaneza.

Não recebo pagamento,  
Disso tende a certeza,  
E pode chamar-se um portento.  
Este reclame á Havaneza.

Ao menos o amigo Abreu,  
Podia, como surpresa,  
Oferecer-me, que sei eu?  
Um tabaco da Havaneza.

E tem-os lá de chupeta  
D'um arame! que riqueza!  
Podem crer, pois não é peta,  
Ha de tudo na Havaneza.

Elle é o dom do cigarrinho,  
E gravatas! que beleza!  
E perfumes! que cheirinho!  
Ali na loja Havaneza.

Até ovos, tem ali, agora,  
E manteiga, que pureza!  
Corre lá sem grande móra  
Comprar tudo na Havaneza.

Poeta Coxo

## Joel de Magalhães

MEDICO

Consultas das 9 ás 12.

Rua Barão de Espozende.

## CARTA

... Snr. Director de «O Espozendense»

A Comissão promotora das festas a S. João nesta vila, vem pedir a V. a publicação das seguintes linhas:

«Tendo a Banda dos nossos Bombeiros feita a *promessa formal e categorica* a esta Comissão, desde o ano passado, *de que se não comprometeria para outras festas sanjoaninas* sem nos prevenir com a necessaria antecipaçaõ, acaba esta Comissão de receber da Direcção da mesma a insolita e desconchavadã noticia de que havia fechado contracto para aquella Banda concorrer ás festas de S. João de Braga.

Não sabemos como qualificar este gesto da Direcção, e com as festas *à porta*.

São os *sinais dos tempos*, snr. Director! Muda-se de palavra, com a facilidade com que se muda de gravata, se é que se usa...

Esta Comissão ainda procurou outras bandas de musica, mas já tinham compromisso.

Em face disto, resolveu limitar as festas do Santo Precursor á parte religiosa, na igreja Matriz.

Todos os srs. Subscritores que discordarem desta nossa resolução, podem reclamar os seus donativos até 19 do corrente em casa do sr. Antonio da Silva, no Largo Rodrigues Sampaio.

Espozende, 15-6-1928.

A Comissão.

## OS LARAPIOS NAS NOSSAS AGUAS

## Roubo

No dia 12 do corrente, vésperas do milagroso Santo Antonio, na occasião em que o nosso amigo Snr. Francisco Inacio da Costa e Silva, proprietário desta vila, estava juntamente com sua familia a apreciar as fogueiras tradicionais que é costume efectuar nesta vila ao Grande Santo Antonio, larápio habilidoso (ou larápios), tendo-se introduzido num quarto ao entrar da porta da rua sem que fôsse pressentido, descançado manobrou á vontade, levando um cordão d'ouro com medalha, uma libra com guarnição, dois alfinetes de gravata, um botão de camisa e caixa de prata, tudo no valor aproximado de 2:000 escudos.

E'ra bom que as dignas autoridades a quem estes casos estão affectos, perguntássem a certos individuos que andam no nosso meio, de mãos nos bolsos, a passear livremente, qual os seus rendimentos e occupaões para auferirem os meios de subsistencia, para si e para suas familias; caso não provassem convenientemente condições de vida, depois fazer presente deles ao governo para lhes dar o respectivo destino.

Parece que isto é principio de quadrilha que era bom exterminar a tempo, antes de maiores males.

## Entre nós

Esteve aqui nos primeiros dias desta semana o nosso velho amigo snr. Lourenço da Costa Leitão, regressando já a Caldeias, Amares, á sua vivenda.

—Tambem aqui esteve há dias o ex.mo snr. Antonio José de Oliveira Junior, acompanhado de sua ex.ma esposa, da cidade do Porto, onde regressou.

## Licença de Turismo

Segundo o disposto no Código da Estrada, decreto de 30 de Janeiro ultimo, as licenças de de turismo, de carros e automoveis, passadas nas repartições de finanças devem conter as seguintes indicações: nome e morada do proprietario do carro, local da «garage», circunscrição e numero de carro, numero de registo camarario, designação do carro (automovel, camionete ou camião) marca, força, tipo, numero de lugares, e se para serviço particular ou de aluguer.

## PELO CONCELHO

## Carta de Fão

Fão, -14

Do Brazil regressaram a Fão os snr.s Joaquim Fernandes da Costa e Manoel Fernandes da Costa. Apresentamos-lhes os nossos cumprimentos de boas-vindas.

—Tambem veio passar algum tempo entre nós, gosando uma licença que lhe foi concedida, o digno official da Marinha mercante brasileira, snr. Manoel Gonçalves Casa Nova.

—Na sua linda vivenda do Senhor Bom Jesus já se encontra a ex.ma senhora D. Virginia Marinhos, vindo aqui passar uns meses, segundo o costume.

—Tem estado em Fão a ex.ma senhora D. Amelia Abreu, dedicada esposa do snr. Francisco Abreu, muito digno Secretario de Finanças de Braga.

—Do Gerez regressaram o snr. Manoel Morais, e a ex.ma senhora D. Elvira Morais Silva.

—Regressaram tambem as senhoras D. Maria Cardoso Monteiro e D. Cândida Saraiva Portela.

## Eleição

Realizou-se no domingo passado a eleição da mesa gerente do nosso Hospital-Asilo, para o triénio de 1928-1931.

Para Provedor foi reeleito o snr. José Joaquim Soares Estanislau, Secretario o snr. Jaime Lopes Pereira e Tesoureiro o snr. Antonio Domingues Assunção.

—Bombeiros Voluntarios.

A nossa benemerita Corporação recebeu do Brazil, por

intermedio do conceituado negociante e nosso illustre conterraneo snr. Vitorino Evangelista da Silva, o importante donativo de três mil escudos, para as obras que prosseguem activamente.

## EDITAL

N.º 26

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do Concelho de Espozende:

Faz publico que no dia 25 do corrente mês, pelas 14 horas, na sala das sessões da Câmara, se ha de proceder á arremataçaõ, em hasta publica, de 330 metros quadrados de terreno sito no «Pombal», desta vila, terreno que fica junto ao rio Cávado, sob a base de licitação de 1.000 escudos.

Para constar se afixu o presente e outros de igual teor nos logares do costume.

Espozenda, 4 de Junho de 1928.

Eu, José Augusto de Almeida Abreu, chefe de secretaria da Camara o subs.

O Vice-Presidente,

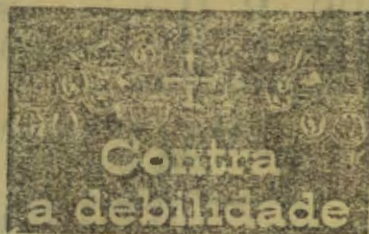
Francisco Xavier Viana

Encarrega-se de todos os assumptos forenses, no seu escriptorio á rua 1.º de Dezembro (antiga Direita) em frente á Camara Municipal.

XAVIER VIANNA

SOLICITADOR

Seculo, Diario do Minho, Esposendense e outros jornaes que se referiram ao grande melhoramento e festas da luz electrica, encontram-se á venda na Livraria e Papelaria Esposendense, Rua Direita.



Farinha Pectoral Ferrugínea da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e provillgiado.

Pedro Franço & C

DEPOSITO GERAL  
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

## Casa «HAVANEZA»

Depositaria no concelho

da  
Empreza Fabril Portuense

Vinhos do Porto—Cervejas—Laranjadas—  
Licores.

Um lindo livro.

## Violetas Dispersas

(VERSOS)

—DE—

Maria da Silva Vieira

Um elegante volume contendo muitas produções poeticas em magnifico papel acetinado, com o retrato da extincta.

PREÇO..... 2\$50 RS.

O producto da venda da edição é destinado ao levantamento na sua sepultura de uma lapide comemorativa.

A' venda em todas as livrarias do psiz em Espozende na Typografia Esposendense de José da Silva Vieira.

## Venda de Propriedades

Na freguezia de Palmeira, a dois passos desta vila, vendem-se diversas propriedades de lavradio, com arvores de vinho, frutas, etc., as quaes são de boa qualidade de terra. E' di-nheiro bem empregado.

Quem pretender comprar pode pedir informações nesta redacção, que prontamente lhes serão fornecidas.

## GAZOMETRO

Vende-se um Gazometro de acetilene, de folha de ferro, quasi novo, com seus pertences, por modica quantia.

N'esta typografia se dão informes e preço.